

RECONHECIMENTO SOCIAL DO CASAL HOMOSSEXUAL NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE-PE: REPRESENTAÇÕES E HOMOSOCIABILIDADES

Anderson Vicente da Silva³⁶

SOCIAL RECOGNITION OF THE HOMOSEXUAL COUPLE IN THE REGION METROPOLITAN OF THE RECIFE-PE: REPRESENTATIONS AND HOMOSOCIABILITIES

[...] As palavras, mesmo antes do momento em que elas entram em nossas mentes e deixam nossas bocas, estão saturadas com as identidades e as intenções de outras pessoas. Britzman (1996, *apud* LIMA, 2006, p. 61).

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir os principais aspectos do reconhecimento das parcerias homossexuais por parte dos grupos de sociabilidade dos casais. Nesse contexto, destacaremos as representações construídas pela sociedade acerca das relações homossexuais. Isso é importante, pois evidencia quais elementos da estrutura social contribuem para a construção da aceitação e/ou discriminação dessas díades. Sendo assim, as observações e entrevistas com cinco casais de homossexuais masculinos do Grande Recife-PE servirão como norteadores desse debate e proporcionarão um novo quadro teórico para pensar outras manifestações de parcerias homossexuais.

Palavras-chave: Reconhecimento. Homossexual. Casal. Representação.

Abstract

This work has for objective to argue the main aspects of the recognition of the partnerships homosexuals on the part of the groups of sociability of the couples. In this context, we will detach the representations constructed

36 Doutorando em Antropologia; Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPE).
E-mail: andervicensil@yahoo.com.br

for the society concerning the relations homosexuals. This is important, therefore it evidences which elements of the social structure contribute for the construction of the acceptance and/or discrimination of these couples. Being thus, the comments and interviews with five couples of masculine homosexuals of the Grande Recife/PE will serve as guides of this debate and will provide a new theoretical picture to think other manifestations of partnerships homosexuals.

Keywords: Recognition. Homosexual. Couple. Representation.

Introdução

Para compreender a dinâmica de parcerias homossexuais é importante trazer neste momento um pouco das abordagens que tratam do casamento homossexual e do reconhecimento político-social dessas parcerias. Para estruturar melhor essa discussão, o conceito de conjugalidade³⁷ é fundamental, pois é a partir dessa definição que as concepções de casamento homossexual ganham sentido diante das relações afetivossexuais estabelecidas pelas díades do mesmo sexo.

Para os termos deste trabalho, conjugalidade deve ser entendida como uma forma possível de gestão da sexualidade, dos afetos, das ideologias e práticas cotidianas presentes no amor conjugal, que se expressam nas cenas de interações diárias. Essas últimas são identificadas mediante as trocas afetivas, sexuais e cognitivas entre os sujeitos envolvidos na relação. Aqui também será enfocada a ideia de uma conjugalidade constituída de experiências de novos mecanismos sociais, que permitem a formação de configurações plurais de família (HEILBORN, 2004; MATOS, 2000).

Nesse contexto, Mello (2005) afirma que a aceitação social das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo é influenciada pelas ideias difundidas e generalizantes do divórcio e da monoparentalidade. Essas mudanças nas práticas e papéis conjugais estão presentes nas representações construídas atualmente em torno da nova família brasileira, possibilitando a

37 Para compreensão dessa conceituação, ver os textos de Heilborn (2004, p. 14) e Matos (2000, p. 104).

legitimação de novos arranjos. O casamento homossexual é um elemento contribuidor dessa nova estrutura familiar. Ele se tornou uma possibilidade, mas evocou temores com relação à sobrevivência da instituição em seu papel de mantenedora de uma ordem social, hierarquizada pelo sexo, possibilitadora de transmissão da propriedade e, principalmente, transmissora de valores tradicionais.

Assim, se a rejeição ao casamento gay reside na crença de que a mudança social será catastrófica, isto se dá porque nossa sociedade construiu historicamente uma imagem de homossexuais transgressores e liberados sexualmente, ameaçando o “estado natural” dos grupos sociais. Por isso, a luta por uma parceria civil³⁸ entre pessoas do mesmo sexo é uma causa com grande poder de mobilização, mas também uma forma de “domesticação” das demandas de um movimento social que se depara com uma atmosfera de intolerância crescente³⁹.

Diante dessas reflexões, percebe-se que o reconhecimento social dos casais formados por pessoas do mesmo sexo se torna “respeitável” a partir do momento em que os mesmos adotam um estilo de vida semelhante ao modelo heterossexual monogâmico estável⁴⁰. Quando assumimos que a homoconjugalidade é semelhante à relação heterossexual nos deparamos com a heteronormatividade⁴¹ (ou heterossexualidade compulsória). Se os homossexuais não podem se tornar heterossexuais, então a ordem social encontrou um meio de fazê-los viver como se o fossem. Devem se aproximar do topo da pirâmide sexual discutida por Rubin (1989), pois essa dinâmica garante que os indivíduos serão “aceitos” socialmente.

A sociedade rejeita a parceria civil entre homossexuais não apenas por causa da sexualidade, mas, principalmente, pelo seu estilo de vida, que pode ameaçar as instituições e formas tradicionais de relacionamento. Sen-

38 Ver Mello (2005) acerca dos movimentos políticos em torno da parceria civil em tre homossexuais. Paiva (2007) também traz essa discussão no final do seu trabalho.

39 Ver Miskolci, R. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, jan./jun., 2007.

40 Não poderia deixar de enfatizar aqui as abordagens de Rubin (1989) acerca das hierarquizações da sexualidade na sociedade ocidental.

41 Ver o texto de Butler (2003), que além de tratar da heteronormatividade, destaca como se constroem as relações de parentalidade nas relações conjugais entre homossexuais.

do assim, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, que se aproxima desse modelo, contribui para formação de uma visão positiva. Isso ocorre principalmente quando os casais constituídos se revelam e adotam um estilo de vida comprometido com a manutenção da ordem social, das hierarquias de gênero e com práticas cotidianas convencionais.

Por fim, abordaremos nas seções abaixo como os homossexuais masculinos visualizam o reconhecimento de suas parcerias diante das relações de sociabilidade próxima e ampliada que esses estabelecem com famílias, vizinhos e amigos. Por último, apresentaremos uma síntese de como se processa o reconhecimento social dos casais investigados, partindo de suas próprias opiniões.

Relação do casal homossexual com suas famílias

Esta seção propõe o levantamento de algumas discussões acerca das relações que os homossexuais constroem com sua família de origem, bem como com a família dos seus companheiros. Destaca-se também como essas famílias percebem a relação conjugal que eles estabelecem, partindo da visão que eles próprios formulam dessa representação.

De alguma forma os homossexuais reconhecem em suas famílias traços de percepção de suas orientações sexuais. Todavia, apresentam em seus discursos roteiros bastante diversificados quando perguntados como a família ficou sabendo da sua preferência por relações homossexuais:

Eles desconfiavam de mim desde que eu era criança... eu sempre gostei de ficar em casa e gostava muito de brincar com os meninos escondido... até que um dia (eu acho que eu tinha 7 anos) minha mãe me pegou fazendo carinho no pênis do meu primo (ele devia ter 12 anos) no quarto da minha tia. Ela disse ao meu pai e ele me bateu muito.... mas continuei desejando homens... então... eu... tinha 17 anos quando comecei a sair muito de casa à noite e dormia fora (estava nesses momentos com o meu primeiro namorado, no motel) e meus pais começaram a me perguntar com quem eu estava saindo e eu, com muito

medo, dizia que era com uma namorada e que ia para o motel, mas depois não aguentei mais e disse a verdade. Cheguei na sala e disse: - Olha tenho uma coisa para dizer, eu sou homossexual e vocês gostem ou não vou continuar assim. Minha mãe levantou e disse que não aceitava aquilo, o que as pessoas iam dizer (acho que ela tinha medo que eu me tornasse um travesti ou algo assim); já o meu pai disse que a vida era minha, que eu apenas tivesse cuidado com o mundo, e pronto... comecei a viver sem ficar escondido. Foi uma maravilha (Carlos – 29 anos).

É... num primeiro momento foi pra minha mãe, né, ela procurou me encaminhar pra... pra psicólogo, psiquiatra, junta médica, não aceitou. Num segundo momento foi aquela situação que eu disse que cheguei tarde, meu pai foi chamado e então assumi para os dois... 'tá... esperei uma reação mais bruta do meu pai, mas foi uma total, é... compreensão... me surpreendi, de lá para cá não assumi nem relacionamentos e nem posturas que viesse a mesclar, a disfarçar a minha opção... ou seja, não procurei (Paulo – 38 anos).

Nota-se nos trechos acima que as trajetórias percorridas pelos informantes ao longo do “revelar-se” homossexual para as suas respectivas famílias de origem foram marcadas por situações de repulsa/aceitação da orientação. A oscilação entre momentos positivos e negativos da aceitação/tolerância da orientação homossexual vai depender das relações familiares que foram estabelecidas ao longo da infância, e como esses homossexuais são orientados em sua sexualidade ao longo de sua adolescência nos processos societários.

Em contrapartida encontramos interlocutores que afirmaram não ter comentado com suas famílias acerca da relação que mantêm com seus respectivos companheiros:

Eu nunca cheguei para nenhum deles... aliás, quem sabe mesmo assim... que eu cheguei para dizer é minha cunhada, esposa do meu irmão, que eu conversei com ela, e disse. Isso já faz um

bom tempo, bem antes de Elias... é... as minhas duas cunhadas sabem, pelas perguntas que são feitas... Uma eu conversei mesmo com ela. Abri o jogo porque foi num momento que eu tava muito mal, que um cara tinha acabado a relação, então eu tava... precisava de um apoio... precisava conversar com alguém que me conhecesse, que conhecesse ele também, que ele já tinha ido lá em casa... essas coisas... para ouvir, eu precisava botar pra fora o que eu tava sentindo. Não adiantava esconder... Ah! Por que não como um amigo? Não sei, né, então cheguei e falei abertamente pra ela, foi ótimo, eu me senti... né? Mas com a outra não, também eu não disse nada, mas... ela é uma pessoa que já tem uma certa vivência, então, percebeu como é que funciona a dinâmica, então, eu não cheguei pra ela disse, como também não disse para ninguém da minha família, mas óbvio os meus irmãos não são bestas, mas pai... minha mãe, mãe... é a desgraça do mundo, né? mãe... não damos um passo que a bicha não saiba o que a gente faz, não percebe, né? Meu pai é... é uma mosca morta, meu pai se ilude, não sei se é uma defesa dele pra não encarar a realidade ou ele é um iludido mesmo, mas minha mãe... eu tenho certeza que ela sabe, mas não de minha boca (Roberto – 31 anos).

Nota-se uma necessidade de manter clandestinas da família “nuclear” as parcerias sexuais como forma de preservar as relações internas já estabelecidas. Todavia, há um contrato simbólico entre esses homossexuais e os parentes mais próximos (tio, tia, primos, sobrinhos, etc.) que sabem de suas escolhas baseadas no estilo de vida que possuem no dia a dia:

Só o fato de estar morando com outro homem já demonstra uma preferência diferente, não é? (Fernando – 37 anos).

Por fim, percebemos nos discursos de alguns homossexuais a presença de um aspecto singular sobre esse tema. Gilvan, 37 anos, diz que a sua família tem conhecimento de sua relação conjugal por uma rede de informa-

ções construídas entre os vizinhos e outras pessoas ligadas a sua família por laços de amizade, mas, segundo esse informante, seus parentes não aceitam essa parceria por considerar “anormal”:

Minha família sabe através da boca dos outros. Sabe, mas não aceita. Nunca cheguei para contar, nem cheguei para perguntar se eles sabem (Gilvan – 37 anos).

Esse discurso faz retomar as ideias médico-higienistas do século XX, quando a homossexualidade era considerada uma patologia mental que deveria receber tratamento especializado, com o objetivo de curá-la.

Partindo desse resgate do “afirmar-se” homossexual diante da família de origem, outro aspecto levantado ao longo da pesquisa diz respeito à relação que os homossexuais estabelecem com suas famílias. Esse aspecto é importante, pois traz uma reflexão acerca da visão que esse grupo social faz da conjugalidade homossexual e, em especial, da homoconjugalidade dos sujeitos.

De forma geral, nos discursos dos pesquisados há uma relação contratual de silêncio com suas respectivas famílias de origem, ou seja, os parentes sabem das relações conjugais que eles estabelecem com outro homem, porém não se comenta sobre o assunto, com o objetivo de evitar conflitos oriundos das divergências de opiniões acerca da parceria homossexual.

Toda essa discussão demonstra como a família de origem ocupa um lugar importante na formação de relações sociais para grande maioria dos homens (MATOS, 2000). Ela funciona como uma instância formadora e encarrega-se da produção de sujeitos necessários à vida social, adaptando os indivíduos para a conduta orientada em função da autoridade, da qual depende em grande parte a ordem burguesa (COSTA, 1999; MATOS, 2000; THERBORN, 2006).

Pensar no vínculo parental que esses sujeitos possuem nessas famílias possibilita levantar uma discussão acerca da dualidade entre a afirmação do que se pode fazer e do que não se pode fazer (LÉVI-STRAUSS, 1976). Essa construção permite ao casal formular um conjunto de esquemas de socialização da relação no contexto familiar de ambos os envolvidos na parce-

ria. Mas isso foi percebido com maior desenvoltura na relação com a família dos companheiros. Quando se trata da relação com sua própria família, as estratégias mudam e tomam outros caminhos. Esses últimos são destacados como formas próprias de viver as relações de conjugalidade.

Por fim, a família de cada um dos homossexuais envolvidos numa relação conjugal possui um papel importante no processo de reconhecimento da parceria, pois é nesse grupo de socialização primária que laços e vínculos vão se formando, dando consistência aos valores fundantes das vivências familiares contemporâneas (MELLO, 2005). Esse processo caracteriza uma retomada das concepções de família tradicional, mas agora com sujeitos-atores diferentes.

Casal homossexual e suas relações de vizinhança

As relações de vizinhança são formas de associação, que remetem às ideias de solidariedade e cooperação social, e são importantes para inserção dos sujeitos nos grupos de sociabilidade. Porém, falar das relações estabelecidas entre casais homossexuais e os seus vizinhos requer um cuidado especial, pois os próprios homossexuais evitam comentários mais detalhados acerca desses vínculos. De acordo com os informantes dos grupos pesquisados, os vizinhos formam um grupo que permite um reconhecimento do espaço onde residem:

Nossos vizinhos nos ajudaram muito a conhecer os espaços oferecidos pelo bairro.

No entanto, quando se referem aos vizinhos como contribuidores para a socialização de suas parcerias, costumam resguardar-se, enfatizando os elementos que os afastam do convívio direto com esse grupo de sociabilidade:

Tirando a briga que Antônio teve com a vizinha do outro apartamento... A nossa vizinhança sabe que a gente é um casal gay e nos respeita muito... Todos falam com a gente, mas só através dos cumprimentos... bom dia, boa tarde, boa noite... a gente não gosta de ficar batendo papo com os

vizinhos nos corredores e calçadas do prédio, porque temos a ideia que essas conversas só trazem problemas,.... entende? Então, gostamos de cumprimentar os vizinhos e nada mais... Mesmo assim nossa relação com os vizinhos é uma relação amigável... de paz... Ninguém procurou nos expulsar de nossas casas!. (Carlos – 29 anos)

Moramos num prédio, único. Não é aquele conjunto com blocos. É um prédio só. Só quatro apartamentos por andar. Nossos três vizinhos, um chegou há pouco tempo, uma segunda vizinha eu consigo me encontrar com ela uma vez por mês, normalmente, eu estou descendo o elevador, ela está subindo, vice-versa, a terceira que uma relação mais íntima, mas é limitada, não é? (...) Desconfiamos que os vizinhos saibam, mas não temos a necessidade de pendurar a bandeira do arco-íris na janela ou de 'tá trocando carícias num... no carro na garagem, né? Fechou a porta do apartamento, também não temos a preocupação de nos policiarmos ao nos chamarmos de uma forma mais carinhosa, se tem ou não alguém no corredor... haja vista, tem um cobogó na cozinha, uma ventilação no corredor e tudo que se fala na cozinha se escuta no corredor. Não temos essa preocupação, né? Se queremos ouvir I will survive, Edson Cordeiro, qualquer coisa assim, que possa ser um indicativo... ouvimos, né? Somos umbandistas e saímos de casa de kafita, que tem uma semelhança com um vestido, não é, não temos essa preocupação, mas também não temos porque ficar, é... cultuando determinados carinhos na frente dos outros. A vizinha que entrou para ver o apartamento viu que em quarto era o guarda-roupas, livros, o quarto da bagunça, o outro é tem uma única cama de casal, então... Mas esse é o nosso mundo sem, não temos a necessidade de 'tá divulgando (Paulo – 38 anos).

É o mais social possível: bom dia, boa tarde, boa noite, como vai. A gente não tem intimidade com

os vizinhos, não tem... não dá intimidade com os vizinhos, né? Algumas pessoas do prédio como nós, também formam casais homossexuais, olham para gente e percebem... mas... A gente se visita de vez em quando, não é uma coisa de 'tá o tempo todo na casa do outro. Quando tem... por exemplo, vem pra cá que eu vou fazer um jantarzinho, a gente desce, Ah! Vem pra cá... eles sobem... Ah! Vamos pra tal lugar... vamos... os quatro, mas não é essa coisa de 'tá o tempo todo no gueto, sabe? Mesmo com o vizinho, a gente prefere estabelecer limites de convivência, que a gente... é uma coisa que a gente presa muito é isso... essa individualidade do casal e a... a discrição, a intimidade. Mesmo quando a gente 'tá no meio de pessoas que sabem, essas coisas, o mais normal possível, a gente não fica se agarrando (Roberto – 31).

Os vizinhos visitam a gente às vezes, pois são clientes de ambos. Porém, acho que eles possuem muitas curiosidades sobre nós dois e vêm para cortar o cabelo ou para ver os novos móveis que adquiri para meu antiquário com o interesse de matar um pouco da curiosidade, mas isso não me afeta e acho que a Mateus também. A intimidade maior eles não veem porque não somos de mostrar a intimidade para vizinhos. O que é privado entre nós é só nosso. Uma relação de intimidade com os vizinhos só traz brigas, inveja e rompimentos desnecessários... então... não! A convivência é normal e continuamos nos falando: Oi, tudo bem? Bom dia... (Fernando – 31anos).

As relações de intimidade com os vizinhos são instrumentos formadores de conflitos sociais entre os grupos (o casal e a vizinhança), por isso as relações de cordialidade do casal para com os vizinhos e vice-versa se baseiam em expressões de cumprimentos impessoais: “Bom dia..., Boa tarde..., Como vai?”. Além disso, a visão que os vizinhos constroem das parcerias homoafetivas estão permeadas por aspectos sociais negativos, segundo os próprios informantes. Notamos ao longo da pesquisa um discurso de

que os vizinhos gostam de fiscalizar as suas vidas, fazendo imposições e exigências comportamentais, que não estão dispostos a atender por terem uma vida independente das opiniões alheias.

Na fala de Roberto (31anos) percebe-se algo bastante interessante: os vizinhos com que o casal possui maior contato são também parcerias homoconjugais. Isso demonstra uma sociabilidade com grupos de igual orientação sexual, talvez por ausência de uma consciência social de reconhecimento/aceitação da díade homossexual.

Fernando (31) destacou que seus vizinhos procuram o casal, pois são em sua maioria clientes dele e do seu companheiro. Fernando (31) possui um antiquário em casa e vende móveis antigos; Mateus (38) é cabeleireiro e, às vezes, atende em casa. Essas visitas são interpretadas pelo nosso interlocutor como uma estratégia dos vizinhos de se aproximar do casal, pois possuem curiosidade acerca da convivência de dois homossexuais.

Segundo Heilborn (2004), a ordenação do mundo público *gay* mostra-se fundada em relações múltiplas com diferentes grupos de sociabilidade, ainda que se possa considerar, como o faz Pollak (1987), que tal estruturação tenha se inspirado num modelo de mercado.

Diante disso, o reconhecimento dos casais homossexuais pesquisados, por parte da vizinhança, é um tema que exige um aprofundamento maior, pois como o foco desse trabalho foi a visão que os entrevistados possuíam da aceitação/reconhecimento de suas parcerias, partindo da relação/convívio com os vizinhos, não se pode concluir como os vizinhos percebem essas parcerias em sua dinamicidade. Todavia, pode-se afirmar que os homossexuais consideram que são representados como casal por parte dos vizinhos, já que não observam manifestações de indagação no que se refere às relações parentais de dois homens que convivem.

Nota-se, pelos depoimentos, que essa relação pode ser conflituosa ou pacífica, dependendo dos objetivos formulados em torno da sociabilidade de ambos os grupos (casal/vizinhos). Isso ocorre porque, segundo Miskolci (2007), a reação social a um fenômeno como a homoconjugalidade surge tanto do perigo real quanto do temor de que ele ameace posições, interesses, ideologias e valores. Além disso, esse perigo é puramente moral, porque o que se teme é uma suposta concepção idealizada da parte dela,

ou seja, as instituições históricas detêm graus de valorização importantes na formação da família e do casamento. Portanto, o casal homossexual é, segundo Barthes (2003), um pequeno sistema prático e afetivo de ligações contratuais entre ele e os demais grupos de sociabilidade. Talvez assim a visibilidade ocorra, e com ela o reconhecimento social se processe na busca da aceitação da homoconjugalidade masculina.

Relações de amizade do casal homossexual

A relação com os amigos é outra forma de sociabilidade importante para refletir sobre a visão que os homossexuais podem construir acerca do reconhecimento de suas parcerias por parte de todos que formam o grupo de amizade da díade.

As díades homossexuais possuem contato e relacionam-se com amigos de trabalho, amigos de amigos, professores, alunos, etc. Porém, quando questionados acerca da frequência e de como era a dinâmica dessas relações de amizade, os pesquisados tiveram as seguintes falas:

Nós temos muitas amiGAS e não amiGOS, não sei por que, mas... temos muitas amigas e poucos amigos... o interessante é que os nossos amigos não nos visitam, talvez... sei lá... seja porque não damos espaço para essas visitas por causa do ciúme que pode existir... não sei, acho que é uma necessidade de proteger.... entende? A frequência que a gente é visitado pelas nossas amigas é difícil dizer ao certo, porque elas não chegam na nossa casa assim... primeiro elas ligam pra saber se a gente 'tá em casa e depois marcamos o dia e a hora pra visita, preparamos uma comida ou lanche e esperamos as amigas. Porém, elas nos visitam uma ou duas vezes por mês. É legal, a gente ri muito, a gente fala da vida d'outros e assistimos muitos filmes... (Carlos – 29 anos).

Ah! Sim... é... do meu trabalho: não temos. Os meus companheiros de trabalho não têm infiltração nas minhas horas de lazer. Eu não compartilho das minhas horas de lazer para com eles, os da faculdade sim... não é? Nós temos

amigos em comum, a gente se encontra, bate papo, ah! Eu vi fulano, ah! Eu vi sicrano, não é? Já do meu trabalho não, do universo dele, universo acadêmico, recebo muitos beijos, sempre recebo lembranças, não é, até porque é uma convivência assim: pouco alegre, pouco festiva. 'Tá... é com pouca frequência que eles nos visitam, né, o espaço é nosso, até porque por vezes, não temos horário ritual para transar, pode ser de manhã cedo, daqui a uma hora de novo e não tem hora certa [...] (Paulo – 38 anos).

Sim, a gente tem... outros amigos em comum, que a gente sai, essas coisas, mas também não é muito frequente. Não tem uma sistematização, vai... depende muito da disponibilidade das pessoas. Depende da disponibilidade de ambos os casais. Às vezes eles chamam, a gente não pode porque já tem outro compromisso, né? Aí às vezes a gente chama, também eles não podem porque têm outras coisas. É disponibilidade, mas... telefone, sempre se falando: olha vamos para tal lugar, tal dia no seio o que? Como tá? Se mantém. Agora... tanto da minha, meus amigos a maioria é hetero. Se eu contar as relações de amizade que eu tenho com gays, meu amigo, eu conto no dedo (Roberto – 31 anos).

As relações de amizades dos três entrevistados destacados nos depoimentos acima são baseadas no grau de intimidade que possuem em relação à homoparceria. Carlos (29 anos) destaca que seus laços de amizades são compostos na maioria por amigas e não por amigos, pois, segundo ele, a relação de amizade com outros homens pode criar conflitos com o companheiro, oriundos de ciúmes. Sobre esse sentimento, Alberoni (1999, p. 65) diz que:

Ciumento é aquele que se dá conta de que a pessoa amada encontra em outra algo da mesma natureza daquilo que encontra nele: um detalhe, um gesto, um talento ou uma virtude. [...] O ciúme surge com a descoberta de que a pessoa que amamos se sente atraída, fascinada por algo que

Quanto à visita das amigas, o entrevistado disse ser mediada pela disponibilidade de tempo para os encontros, pois para o casal as relações de amizades precisam ser controladas na tentativa de manter a respeitabilidade entre todos (informação dada pelo interlocutor durante as conversas informais). Essa ideia é compartilhada por Roberto (31 anos) em suas relações de amizade.

Nota-se no depoimento de Paulo (38 anos), que as relações de amizade do casal são centradas mais nos amigos do companheiro do que nos dele. Quando se referem aos amigos do trabalho a relação do casal com eles é ainda mais difícil, pois Paulo (38 anos) é militar e a aceitação de relações homossexuais nesse espaço é considerada um tabu⁴². O casal em questão não gosta da presença constante de amigos em sua residência, pois essa frequência cria uma relação de intimidade que ofusca a intimidade do próprio casal (GIDDENS, 1999; PAIVA, 2007).

No que se refere às ideias que os casais homossexuais fazem das representações que seus amigos constroem de suas relações, encontramos pontos bastante interessantes para pensar e discutir. Os amigos, como grupo de maior sociabilidade entre os casais de homossexuais, elaboram uma visão voltada para uma construção mais equilibrada entre as tradições nas relações de casamento/aliança entre duas pessoas e as concepções mais atuais de parceria entre pessoas do mesmo sexo. Sob um “ar” de seriedade e compromisso de um para com o outro, pouco percebido entre outros homossexuais que conhecem, os amigos chegam a afirmar que esse mecanismo permite um reconhecimento mais condizente com as cobranças sociais. Isso está refletido na necessidade de categorizar a homossexualidade como uma relação não promíscua e/ou não vulgar. Notamos na falados homossexuais pesquisados o afastamento dos guetos como importante para manter a “tranquilidade” da relação a dois. Sobre isso, Paiva (2007, p. 267) afirma que

42 Aqui é importante fazer um comentário. Embora os espaços destinados ao trabalho militar sejam locais predominantemente controlados pelos códigos da relação masculina, a mídia e outros meios de propagação divulgam constantemente casos de relações homossexuais entre os integrantes dos quartéis das Forças Armadas. Diante disso, a homossexualidade ganha, nesses espaços, o tabu a sua não visibilidade.

A descoberta do “ser” homossexual, em todos os sujeitos entrevistados, está associada a essa experimentação, mas pouco a pouco, à medida que iniciam seus relacionamentos e passam a sentirem-se “casados”, tendem a fazer um uso mais comedido dos guetos (quando não os abandonam) e da socialidade noturna. Muitos se referem aos lugares “gays” como lugares de conquista, lugares para quem está solteiro, e, portanto migram dos guetos para lugares menos saturados sexualmente.

Portanto, analiticamente, o reconhecimento/aceitação da homoparceria por parte dos amigos é um processo valioso para o casal, pois eles permitem um contato com aspectos e relações exteriores à residência (DAMATTA, 1997). Isso é possibilitado pelas festas, passeios e viagens com amigos como forma de interação social com outros grupos.

Representações do reconhecimento social do casal: uma análise

O reconhecimento social e jurídico das relações duradouras entre homossexuais vem ganhando espaço no campo político-social internacional desde o final da década de 1960. Mas foi no final da década de 1980 que esta questão adquiriu uma visibilidade significativa, trazendo resultados positivos para as díades homossexuais (FERNANDES, 2004; MELLO, 2005; POLLAK, 1987). No Brasil, observa-se até a metade da década de 1990 uma reivindicação dos grupos homossexuais organizados voltados para a proibição da discriminação por orientação sexual e não por direitos civis para as homoparcerias (MELLO, 2005).

De acordo com Mello (2005), com o objetivo de lutar pelos direitos sociais e civis dos casais homossexuais, o grupo organizado Triângulo Rosa, do Rio de Janeiro, mobilizou-se politicamente para garantir o direito de igualdade, diante da Constituição de 1988. Esses movimentos motivaram

outros segmentos e grupos a construir uma pauta de reivindicação para as parcerias afetivas estáveis entre homossexuais. Em 1995, depois da Primeira Conferência da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), a deputada Marta Suplicy, reunida com especialistas e lideranças, formulou as propostas para construção do Projeto de Lei nº. 1.151, que propõe as regras de união civil entre pessoas do mesmo sexo e dá outras providências. Essa é uma tentativa de reconhecer e legalizar as uniões estáveis entre homossexuais, propondo à sociedade um novo conceito de casamento, de família e de conjugalidade. Reações contrárias às ideias propostas surgiram de diferentes instituições em defesa da família e da moralização da sociedade brasileira (MELLO, 2004), mas isso só aumentou a luta dos movimentos homossexuais por direitos de cidadania.

Ao longo do século XX, a criminalização e a psiquiatrização da homossexualidade se faziam necessárias para construir esta zona de exclusão, mantendo a legitimação da heterossexualidade. Portanto, o reconhecimento social e jurídico do casamento homossexual produz um deslocamento das fronteiras da institucionalização dessas parcerias. Esta conquista não representa apenas a ruptura com a discriminação por orientação sexual, mas sobretudo o reconhecimento do laço afetivossexual e social homossexual faz da homossexualidade uma forma de sociabilidade⁴³.

Miskolci (2007, p. 123-4) afirma que

A luta pela parceria civil faz pensar em uma observação de Foucault (2006), a de que a sociedade rejeitava gays e lésbicas não por causa de sua sexualidade, antes porque seu estilo de vida ameaçava as instituições e formas convencionais de relacionamento. A possibilidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo corrobora essa visão, pois casais assim formados revelam-se aceitáveis quando adotam um modelo de relação comprometido com a manutenção da ordem social, das hierarquias de gênero e com práticas sexuais convencionais.

Continuando, o autor diz que o reconhecimento legal das parcerias homossexuais se torna respeitável quando essas díades se igualam ao modelo heterossexual monogâmico estável. Isso remete às discussões sobre as

43 Ver o texto de Arán (2007, p. 2), *Políticas do desejo na atualidade: o reconhecimento social do casal homossexual*, apresentado no IV Encontro Latino Americano dos Estudos Gerais de Psicanálise. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org>. Acesso em: 17 jan. 2008.

hierarquias de sexualidade levantadas por Rubin (1989).

Partindo desse debate teórico, é importante destacar como as representações sociais em torno das relações homoafetivas são construídas. Essa estruturação destaca como os depoimentos podem não corresponder às características presentes em suas próprias relações, mas como as representações são, segundo Jodelet (1989), modalidades de conhecimento prático orientadas para compreensão de um fragmento da realidade social, notamos que os discursos construídos acerca dessa temática são uma parte integrante e significativa das relações cotidianas das parcerias:

Eu vejo como uma concepção de família, né? É... eu vejo que é... têm casais [homossexuais] que são mais estáveis do que casal hetero, né? Eu acho que a cumplicidade entre eles é maior que um casal hetero, o respeito é maior... Eu não vejo negatividade, muito pelo contrário, eu vejo que é uma coisa positiva que... contribui pra o crescimento de cada um, porque assim... é como se fosse uma sensação de equiparação, por exemplo: quando eu comecei a namorar com Elias, não tinha emprego, tinha acabado o 2º. Grau, não... queria fazer o vestibular, mas,... né? Elias disse: não, vamos... você consegue um emprego, a gente, você vai correr atrás, eu - vou lhe ajudar e você vai fazer vestibular sim... eu quero que você seja alguém, né? E é isso... porque eu vejo que... quando a pessoa... uma relação gay eu acho que... tenta trazer... se você tem um nível melhor tenta acudir o outro, né? A cumplicidade mesmo, no casamento hétero, o teu nível é superior, mas se minha mulher não tiver... tanto faz, né? Sabendo cozinhar, cuidar das crianças tá ótimo,... tu tá entendendo? Eu vejo que é uma coisa positiva, essa relação gay-homem, pode ser que a sociedade ache uma coisa... uma aberração, mas pra quem vivencia é positivo, porque um quer sempre o melhor do outro... tá entendendo? Puxa sempre pelo melhor, isso vai desenvolvendo relações de cumplicidade, relações de lealdade, relações de fidelidade, também por que não? Vai pra esse princípio (Roberto – 31 anos).

Eu acho que é importante pra que a sociedade veja que nós somos pessoas boas e que queremos apenas viver como qualquer um deles e não queremos chocar a sociedade com a nossa relação.... Acho também que o casal gay que possui uma relação séria mostra que nós não queremos apenas trepar e sim dividir nossa vida com outra pessoa que amamos e desejamos... entende? Por isso, acho que... o casal gay aparecendo na sociedade vai deixar as pessoas pensando se resolverem discriminar esses dois seres que se amam sem... sem... medo de ser feliz, sabe? (Carlos – 29 anos).

Com isso, a relação afetivossexual entre homens é uma oportunidade singular para mostrar à sociedade o lado pouco conhecido dos homossexuais: uma parceria cúmplice, que busca na lealdade e na seriedade os instrumentos para uma boa convivência social. Roberto (31) destaca que o casal homossexual possui uma cumplicidade pouco percebida entre os heterossexuais. Mas ele destaca em seu discurso também a desigualdade de gênero como elemento de distanciamento do casal heterossexual. Isso pode ser característico de uma forma de sociabilidade que possibilita, segundo Carlos (29 anos), uma compreensão de que a intenção do par homossexual não é apenas relacionar-se sexualmente com vários homens e, sim, criar novas formas de relacionamento entre homens e desses com a sociedade. Todavia, Paulo (38 anos) mostra um discurso desacreditado em relação à parceria homossexual romântica (GIDDENS, 1993). Para ele, o casal homossexual não precisa construir um romantismo exagerado para ser visto e reconhecido como casal pela sociedade. Para esse interlocutor, o relacionamento entre homossexuais é baseado no contrato e no acordo entre ambos. Isso caracteriza o que Giddens (1993) chama de amor confluyente, ou seja, um envolvimento afetivossexual que não se caracteriza pelas ideias de eternidade e de unicidade. Esse amor confluyente estaria manifestado num relacionamento puro, em que são valorizadas as satisfações intrínsecas ao casal.

Considerações finais

Na tentativa de amarrar um pouco o que foi dito até agora, percebemos que o reconhecimento social das díades de pessoas do mesmo sexo (homossexuais masculinos) passa por valores fundantes dos modelos de família em que os homossexuais foram socializados. Isso é importante para compreender as mudanças no estilo de vida empreendidas pelos pares na formação de suas parcerias. Mas, segundo Miskolci (2007), a adoção do casamento e a formação de famílias homossexuais levariam ao enquadramento em normas que nem mais condizem com as demandas sociais do presente. Segundo Mello (2007)⁴⁴, os casais homossexuais estariam almejando o reconhecimento de seus casamentos, “igualando-se” aos casais heterossexuais para depois lutarem por direitos civis importantes para as duas formas de parceria.

Foi para melhor entender como os casais homossexuais masculinos da Região Metropolitana do Recife constroem suas relações e como representam essa ligação afetivossexual que sentimos a necessidade de trazer para este trabalho uma reflexão acerca desses processos de sociabilidade. O que nos preocupou neste momento foram as diferentes visões que os homossexuais formulam acerca das representações que os grupos de sociabilidade próxima e ampliada produzem acerca de sua relação afetivossexual. Fazendo uma análise da literatura sobre o reconhecimento jurídico e social do casamento entre pessoas do mesmo sexo, percebemos que ainda há uma forte influência dos modelos tradicionais de família e de conjugalidade vivenciados no Brasil ao longo do século XX. Aqui também o reconhecimento público é quase sempre conflituoso e doloroso para os homoparceiros, porém ao construírem suas relações buscam elementos de integração social em suas famílias de origem. Os conflitos internos e externos fazem parte das relações sociais e, em muitos casos, dependendo da intensidade, são importantes para os vínculos socioculturais das ligações afetivossexuais.

44 Informações orais dadas na Palestra de abertura do X Encontro de Ciências Sociais, realizado em novembro de 2007 na UFPE.

Então, fica aqui uma reflexão: se esse é um dos reais interesses dos casais homossexuais, por que não elaborar formas de reconhecimento social para esses sujeitos, na tentativa de acelerar o processo de união entre os grupos para lutarem por um objetivo comum?

Referências

- ALBERONI, Francesco. **Enamoramento e amor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 21, p. 219-260, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- DAMATTA, Roberto. A casa, a rua e o trabalho. In: DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- LIMA, Francis Madlener. **O discurso sobre a homossexualidade no universo escolar: um estudo no curso de licenciatura em educação física**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1740/1/tese.pdf>
- LUNA, Dulce. **Gênero e conjugalidade: um estudo antropológico sobre os novos arranjos da atualidade**. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

- MATOS, Marlise. **Reinvenções do vínculo amoroso**: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MELLO, Luiz. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, jan./jun. 2007.
- PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **Reservados e invisíveis**: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- PAKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991.
- POLLAK, Michel. A homossexualidade masculina ou: a felicidade no gueto? In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (orgs.) **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.
- RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (Org.). **Placer y peligro**: explorando la sexualidad femenina. Madrid: Revolución Madrid, 1989. p. 113-190.
- THERBORN, Göran. **Sexo e poder**: a família no mundo, 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006.